

HUMINT – DO CONCEITO AO EMPREGO EM CONTEXTO MILITAR

HUMINT – CONCEPTUALIZATION AND USE IN MILITARY OPERATIONS

Carlos Miguel Coelho Rosa Marques da Silva

Major de Infantaria do Exército Português

Mestre em Ciências Militares

Docente da Área de Ensino Científico Específico do Exército (IUM)

Investigador Integrado do Centro de Investigação e Desenvolvimento do IUM

1449-027 Lisboa

silva.cmcrm@ium.pt

Resumo

Numa sociedade marcada por um processo de globalização crescente e contínuo onde concomitantemente, se verifica uma imprevisibilidade e dissimulação de atuação da ameaça no seio da mesma, urge explorar ferramentas de obtenção de informações que permitam desenvolver um aconselhamento flexível e oportuno à conduta das operações militares. Assim, com a deslocalização do conflito para zonas urbanas, densamente povoadas, assume de forma acrescida o elemento humano, fator de desequilíbrio a ter em conta nas atividades de informação. Porquanto, as interações entre pessoas, hoje, tal como no passado, no âmbito da obtenção de informação, continuam a ser preponderantes. É neste contexto, que a atividade de *Human Intelligence*, enquanto disciplina das Informações, assume particular relevância. Com este estudo, pretende-se compreender as especificidades de emprego desta atividade, desde o perfil do operador ao próprio conceito de ação no apoio à decisão de um comandante. Numa perspetiva militar tem, este trabalho, como objeto de estudo, a atividade HUMINT, assumindo este elemento a base para atingir o objetivo de compreender as possibilidades e os contributos da HUMINT no apoio à conduta das operações militares. Para atingir este desiderato, efetuou-se uma investigação com base num raciocínio dedutivo, assente numa estratégia qualitativa, através de uma análise documental e de conteúdo, com recurso a entrevistas a especialistas com experiência operacional.

Palavras-chave: Disciplinas das Informações, HUMINT, Informação, Informações.

Abstract

As society becomes increasingly globalised, security threats become more unpredictable and covert. Therefore, there is an urgent need for intelligence gathering tools that can provide

Como citar este artigo: Silva, C. M. C. R. M. (2019). HUMINT – Do conceito ao emprego em contexto militar. *Revista de Ciências Militares*, maio, VII(1), 15-43. Retirado de <https://cidium.ium.pt/site/index.php/pt/publicacoes/as-colecoes>

military commanders the advice they need to mount a flexible and timely response. Because conflicts are taking place in densely populated urban areas, the human factor, a source of uncertainty which must be accounted for when carrying out intelligence operations, has become more important than ever. Now, as in the past, human interaction remains a crucial tool for intelligence gathering, making Human Intelligence, a branch of the broader field of Intelligence, especially relevant. This study examines the aspects underpinning HUMINT operations, from the traits of a HUMINT collector, to what constitutes an activity to support a commander's decision making. This article analyses HUMINT in military contexts to ascertain how it can best be used to support military operations. To that end, the study used deductive reasoning and a qualitative research strategy based on documentary and content analysis and on interviews with experts with operational experience.

Keywords: *Intelligence Disciplines, HUMINT, Information, Intelligence.*

Introdução

Apenas o governante esclarecido e o general sábio poderão usar todos os dados recolhidos pela espionagem militar [...] deles depende a capacidade de movimentação do Exército.

Sun Tzu (2009, p. 101)

Comumente, afirma-se que a espionagem é a segunda profissão mais velha do mundo. A necessidade de informação surgiu, efetivamente, com as primeiras aspirações do Homem, em que o seu instinto de sobrevivência contempla o desejo de saber antecipadamente, o que vai fazer, do que pode dispor, e que perigos o ameaçam (Bartolomeu, 2010, pp. 6-9).

Os mercados globais, a evolução tecnológica e os acordos securitários assentes em organizações transnacionais, potenciaram a aproximação dos países e das suas populações. Esta aproximação trouxe, de igual modo, um conjunto de desafios que tendem a ser explorados com o intuito de obtenção de vantagem económica, no caso de ser no âmbito da concorrência comercial, ou de mitigação de uma ameaça, no âmbito da segurança e defesa¹ (Herman, 1996, pp. 9-16). Neste último aspeto e, de acordo com o Conceito Estratégico de Defesa Nacional (CEDN), constituem-se as Informações e os respetivos sistemas com responsabilidade de as produzir, incontornáveis “instrumentos de identificação e avaliação das ameaças e oportunidades, em cenários voláteis e complexos” (CEDN, 2013, pp. 2-8).

Nesta conformidade, importa refletir sobre o modo como constituem as Informações e as suas atividades, importantes mecanismos de mitigação da incerteza em que assenta a conduta da ameaça. O conceito de atividades de informação no âmbito das Operações de Informação, são “ações concebidas para afetar a informação e/ou os sistemas de informação. Podem ser executadas por um qualquer ator e incluem medidas de proteção” (NATO, 2018, p. 89). Cardoso (2004, pp. 150-151) refere que estas “atividades de Informação, envolvem

¹ A Defesa é o conjunto de atividades necessárias para garantir a Segurança, ou seja, a Segurança é um objetivo e a Defesa é a atividade para alcançar esse objetivo (Carvalho, 2009, p.1).

um processo complexo de pesquisa, avaliação, integração e interpretação de informações [...] que para serem úteis devem ser oportunas e bastante precisas”. É nesta precisão que assenta o desafio à atividade das Informações, potenciado pelo recrudescimento contínuo do fenómeno da globalização que se tem verificado desde o final do século passado e que se caracteriza por ter impacto transversal nos diferentes setores sociais, assentes nomeadamente na economia, na governação e na segurança dos países.

A volatilidade e difusidade com que a ameaça se caracteriza, salientada no CEDN (2013, pp. 2-4), está alicerçada num paradoxo definido pelo aumento tecnológico que permite um impacto (estrago) e alcance maiores, com menor custo e exposição, mas que, simultaneamente, carece e subsiste da necessidade de anonimato através da imiscuição e dissimulação entre o normal cidadão. Assim, a globalização da ameaça fez com que o adversário caminhe no meio da população, ao invés de combater apenas nas “cavernas” do Afeganistão (Burton, 2005), aludindo o autor com esta expressão à deslocalização dos conflitos para os centros urbanos.

Neste sentido, a evolução tecnológica permitiu o desenvolvimento de meios de obtenção de informação, contribuintes para a produção de informações. Não obstante, e tal como o autor Fred Burton (2005) refere, “[...] por muitos meios tecnológicos capazes de detetar ações, padrões de atuação ou procedimentos hostis, estes nunca permitirão identificar ou compreender as intenções da ameaça”.

A atualidade e relevância deste assunto aumenta, num momento em que se verifica que a ameaça se encontra junto à “porta da nossa casa” ao invés dos desertos do Iraque e do Afeganistão, e que cada vez mais, também, o emprego de forças militares é efetuado em ambientes operacionais de cariz urbano assumindo, deste modo, necessidade de adaptação e compreensão da situação ao “terreno humano” onde as operações decorrem (Baker, 2007).

Por aqui pode-se constatar que a conflitualidade no mundo apresenta mudanças. Atualmente é baseada num paradigma a que Rupert Smith (2008, p. 14) intitula de “guerra entre o povo” e que dá relevância ao papel das pessoas, em especial nas democracias (Smith, 2008 cit. por Bartolomeu, 2012).

É perante este enquadramento, que é proposto abordar a temática da *Human Intelligence* (HUMINT), pois as interações entre pessoas, hoje, tal como no passado, na procura por informações, continuam a ser relevantes. Este artigo assume-se como uma oportunidade de refletir e partilhar perspetivas e perceções construídas acerca da relevância da HUMINT enquanto ferramenta contributiva para o Ciclo de Produção de Informações² (CPI) em apoio às operações militares desenvolvidas ao nível tático³.

Neste sentido, por ser um tema atual e de pertinente reflexão é objetivo deste artigo compreender as possibilidades e os contributos da HUMINT no apoio à conduta das

² O CPI é uma sequência das atividades de informações na qual a notícia é obtida, transformada em informação e explorada. Esta sequência compreende quatro fases distintas (orientação do esforço de pesquisa (a que também se pode chamar direção), pesquisa, processamento e disseminação) que culmina na distribuição do produto acabado. Cada fase do ciclo deve ser sincronizada com o processo de decisão do comandante e as necessidades da operação de forma a poder influenciar com sucesso o resultado da operação (NATO, 2016, pp. 1-4).

³ É o nível “no qual as atividades, batalhas e empenhamentos são planeados e executados para atingir os objetivos militares definidos para o nível tático. O seu cumprimento contribui para o sucesso ao nível operacional e estratégico” (NATO, 2017, pp. 1-10).

operações militares. Na prossecução deste, foi definido como objeto de estudo a HUMINT enquanto disciplina das Informações (EME, 2008, p. 31).

De modo a garantir o foco deste estudo, optou-se por delimitar a análise do emprego da HUMINT num ambiente de emprego exclusivamente militar e em contexto internacional, ou seja, numa Força Nacional Destacada (FND), face às restrições legais previstas da atividade da HUMINT por forças militares em território nacional.

A metodologia de investigação adotada na elaboração deste artigo tem por base um raciocínio dedutivo, assente numa estratégia qualitativa. Nesta conformidade, procurar-se-á identificar pontos possíveis de serem explorados na investigação através, por um lado, da recolha de dados obtidos provenientes de entrevistas a elementos reconhecidos como especialistas e com responsabilidades operacionais na temática em causa, e por outro, da análise documental enquadrante disponibilizada em fontes abertas.

A utilização de citações em língua inglesa, é justificada através da tentativa de manter intactos os significados e os significantes da terminologia específica e muito própria das informações para evitar o risco de enviesar, por via da tradução, o verdadeiro sentido dos conceitos.

Assim, propõe-se inicialmente efetuar uma desconstrução concetual das Informações através de um enquadramento holístico das suas finalidades e possibilidades que permita identificar os contributos que as várias disciplinas podem dar. Pretende-se, com este capítulo, sustentar as condições para poder identificar a relevância da HUMINT enquanto ferramenta de pesquisa ativa e contributiva na produção de informações oportunas.

No segundo Capítulo, pretende-se particularizar as condicionantes que enformam a HUMINT, identificando especificidades e limitações no seu emprego assim como correlacionar os processos inerente a esta atividade com a convergência global associada à própria produção de Informações.

No terceiro e último capítulo, o foco é atribuído ao operador, nas suas qualidades, perfil, competências inatas e adquiridas subjacentes à atividade operacional da HUMINT, estendendo a análise, ao papel que o Soldado pode assumir enquanto sensor.

Nas conclusões faz-se uma síntese de toda a investigação, nomeadamente até que ponto o objetivo geral foi atingido. São também, com base nas reflexões conclusivas, apresentadas algumas perspetivas de emprego da atividade da HUMINT em contexto militar no apoio ao CPI.

1. As Informações – O Processo

1.1. Enquadramento

De acordo com a doutrina NATO, Informação consiste em “dados não processados que podem ser utilizados na produção de informações (NATO, 2018, p. 89). Para uma melhor compreensão e entendimento da palavra “informação” e “informações”, na terminologia Anglo-Saxónica são utilizados os termos *information* e *intelligence*. Relativamente a Informações, a mesma doutrina refere como sendo “o produto resultante da recolha e processamento direcionado de informação sobre o meio ambiente e as capacidades

e intenções dos atores, a fim de identificar ameaças e proporcionar oportunidades de exploração pelos decisores” (NATO, 2018, p. 90). Ou seja, Intelligence representa o saber e conhecimento que resulta da integração e análise prospetiva da “informação” (e.g., “information”). Segundo N. Rêgo (2018) esta consecução originou que a tradução em Portugal tenha resultado em Informações, ou seja, a agregação de vários elementos de “informação”. Nesse sentido, o mesmo autor (Rego, 2018) refere que, foi potenciada a possibilidade por um lado, em assumir o mesmo entendimento sobre informação e informações, e por outro, de que “informações” seja simplesmente o plural de “informação”. Por exemplo, em Espanha e no Brasil foi optado por o uso do termo “inteligência” e “inteligencia” respetivamente, para evitar erros de interpretação. No Exército Português, pode-se encontrar a única publicação doutrinária portuguesa sobre Informações, onde se procura evitar a confusão entre “informação” e “informações”, designando a primeira como “notícias”, como sendo “todo o dado não processado de qualquer natureza (facto, documento ou material) que pode ser usado na produção de informações” (PDE 2-0, 2009, pp. 1-4).

A atividade de informação em sentido holístico, e da HUMINT em particular, pauta por se caracterizar por um secretismo de atuação, muito devido à necessidade de preservar e proteger as fontes⁴, na procura de uma supremacia da informação (Bispo, 2004, pp. 81-82). O mesmo autor defende que esta luta pela obtenção de vantagem informacional, faz com que seja necessário perturbar as ações adversárias através de ações de Contrainformação. Nesta conformidade, Bispo (2004, pp. 81-83) refere que de “acordo com a experiência histórica de outros países, constante numa extensa bibliografia [...] existe um amplo consenso para considerar a Contrainformação como uma componente integral do processo das Informações”.

Neste contexto e, estabelecendo uma linha ténue difícil de destrinçar sobre as formas de atuação operacionais destas duas vertentes, importa, no entanto, vincar que a Contrainformação e as Informações possuem objetivos últimos distintos. A primeira, de forma geral, visa identificar e neutralizar ameaças, ao invés das Informações, que visam a obtenção de vantagem sobre um adversário, através do estudo quer das suas capacidades, intenções e vulnerabilidades, quer do terreno onde decorrem as operações. Para este estudo, e com o apoio da Figura 1, importa clarificar que a HUMINT, dadas as suas potencialidades e finalidades pode concorrer de igual modo para a prossecução das atividades quer de Informações, quer de Contrainformação (PDE 2-0, 2009, 24-25; 191-192).

⁴ Para efeitos deste estudo, assume-se o conceito de fontes num sentido holístico de pessoa a quem um especialista recolhe informação. Contudo, importa salientar que de acordo com o nível de exploração e o conhecimento ou não, do propósito da relação, estas pessoas poderão ser classificadas em Fontes, Contactos ou Agentes.

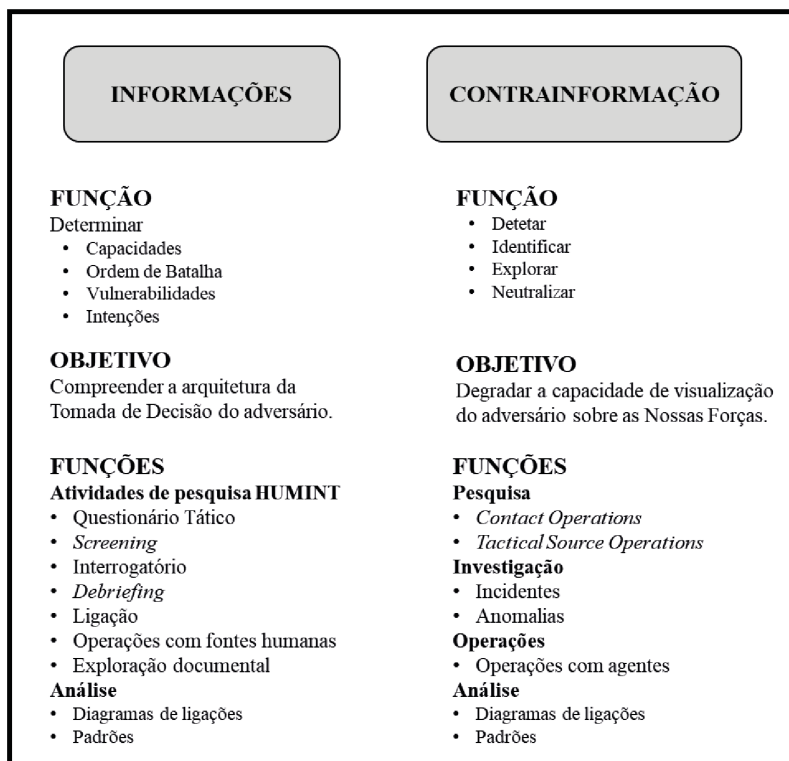


Figura 1 – Informações Versus Contrainformação.

Fonte: Adaptado de U.S. Army (2010, pp. 1-6).

Apesar das eventuais diferenças conceituais existentes entre o modelo apresentado na Figura 1 e o espectro das atividades HUMINT a compreensão holística de emprego, mantém os mesmos propósitos.

Após efetuada a desconflitualização concetual, identifica-se que as Informações enquanto processo, enformam um conjunto de conceitos que apresentam perspectivas díspares mesmo entre especialistas, que para efeitos deste estudo, importa definir. Tendencialmente, e erradamente, constata-se a necessidade de marcar a diferença concetual motivada, por vezes, de erros de tradução entre aquilo que são Informações e Informação. Assim, de acordo com Bispo, “informação é o conjunto de dados, colocados num contexto, relacionados com o espaço, o tempo, o cenário da ação [...] por si só, não dá a ideia da forma como os atores irão agir, modos de atuação, ou a oportunidade da aplicação do seu esforço” (2004, p. 78). Por conseguinte, define-se dados, como sendo os sinais detetados por um qualquer sensor, independentemente da sua origem (humana, eletrónico ou mecânico) transmitidos por um sistema (PDE 2-0, 2009, p. 26).

Por outro lado, e numa perspetiva militar, as Informações enquanto processo, podem ser entendidas como sendo “o produto resultante do processamento de notícias respeitantes a nações estrangeiras, organizações ou elementos, reais ou potencialmente hostis [...]” (PDE

2-0, 2009, p. 245). De igual modo, Bispo refere que as Informações são a “compreensão da informação relacionada, organizada e contextualizada” (2004, p. 78). Com esta afirmação, o autor pretende salientar que numa pirâmide do conhecimento (Figura 2), as Informações estariam no patamar superior à informação.

Na perspectiva de Gonçalves, “Informações é Conhecimento” (2008, p. 4). Não obstante, parece-nos redutor considerar que, tendo em conta que as Informações não são um fim em si mesmo, mas sim um elemento de apoio à decisão, não hajam fatores extrínsecos e intrínsecos inerentes à sua produção. Nesse sentido, julga-se que Waltz partilha desta visão ao considerar o conhecimento como as informações analisadas, compreendidas e relacionadas com outras já existentes e interpretada à luz de experiências anteriores (Waltz, 2003, p. 3).



Figura 2 – Pirâmide do Conhecimento.

Fonte: Adaptado de EME (2008); Rêgo (2018) e Waltz (2003).

Face ao exposto, pode-se inferir que as Informações possuem na sua génese uma base empírica e teórica que devem ser materializadas através de um processo. A aquisição de conhecimento tem origem num processo sistémico e estruturado de tratamento de todas as notícias disponíveis, com a finalidade de identificar a que é relevante, pesquisar a omissa ou inexistente e processar aquela que se julga necessária.

Goldman (2006, p. 79) define, entre outras concetualizações, as Informações como sendo a “função, atividades ou organizações que estão envolvidas no processo de planear, recolher e analisar informação de valor potencial para os decisores e para a produção de Informações”, salientando ainda, que a mesma é produto de um processo cíclico. A este processo é dada a designação de CPI (EME, 2008).

1.2. Actionable Intelligence

Hitz (2010) defende que os serviços de Informações, atuando com base na prevenção e preempção, como é seu apanágio, devem produzir Informações atempadamente de modo a que se consiga tomar as medidas necessárias para evitar um possível ataque hostil. Neste

contexto, identifica-se a relevância da oportunidade da participação das Informações na conduta das operações em apoio à tomada de decisão.

Ainda assim, as estruturas e processos convencionais de Informações têm tido dificuldades de ajustamento à realidade da ameaça contemporânea obrigando, de certo modo, os decisores a refletirem sobre as necessárias mudanças a assumir em busca da otimização da obtenção das informações no apoio à decisão, ou seja, produção de *Actionable Intelligence* (Mazumadar, 2013, pp. 40-42).

Assim, segundo o *Institute of Land Warfare* (2005, p. 15), por *Actionable Intelligence* deve-se entender como sendo as Informações que facultam aos comandantes e soldados, um elevado nível da compreensão comum da situação, disseminada com rapidez, eficácia e oportunidade necessárias, por forma a permitir o emprego maximizado do potencial de combate da força contribuindo, deste modo, incisivamente para o sucesso da missão. Desta forma, face às características associadas à ameaça anteriormente salientadas, deduz-se que a *Actionable Intelligence* será o elemento decisivo para obter vantagem e mitigar esta matriz de atuação de cariz tradicional, irregular e disruptivo que atenta ao cumprimento da missão.

Esta vantagem que materializa uma superioridade de informação, proporciona uma capacidade superior de compreensão situacional possibilitando assim, também alcançar a superioridade de decisão (Lagares, 2018, p. 62). Neste sentido, pode-se inferir que assume a *Actionable Intelligence* um instrumento contribuinte para a superioridade de informação, que se caracteriza por ser um estado vantajoso que o comandante alcança (por ter obtido uma vantagem da informação) relativamente a um adversário, através do acesso a melhores e mais oportunas informações que permitem uma tomada de decisão mais rápida o que permite manter ou alcançar a iniciativa no espaço de batalha (Nunes, 2015, pp 35-36). Deste modo, deduz-se que no processo de disseminação de *Actionable Intelligence* o fator *Tempo* é essencial. Este conceito de interação direta associada à HUMINT tem provado, ao longo do tempo, que se constitui como um influente método de produção de *Actionable Intelligence* (Mazumadar, 2013, p. 41). Não obstante ao que Mazumadar refere, importa salvaguardar o facto de que não deve ser efetuada uma análise superficial relativa à pertinência da HUMINT sobre qualquer outra das disciplinas das Informações, na medida em que, em conjunto, podem estabelecer relações simbióticas potenciadoras de estreitamento do esforço de pesquisa ou, individualmente, de acordo com a especificidade do seu emprego, contribuir para o CPI.

Por conseguinte importa, reter que uma qualquer disciplina das Informações, independentemente do tipo de conflito - guerra convencional ou assimétrica - deve ser coordenada com outras para ser verdadeiramente eficaz na obtenção de *Actionable Intelligence*. Por isso, e apesar de não ser o objeto do presente estudo, importa salientar que assume o processo de All Source Intelligence Analysis, preponderância na produção de *Actionable Intelligence* em apoio à decisão.

1.3. Taxonomia das fontes de Informações

Shulsky e Schmitt (2002) dão como exemplo de recolha de informação, métodos como a espionagem, através de ações levadas a cabo por agentes encobertos ou infiltrados,

fotografias aéreas tiradas a partir de *drones*, a interceção de comunicações e a pesquisa em documentos públicos.

A taxonomia encontrada para enquadrar as diferentes formas de emprego de meios ou sistemas para recolher informação, quer seja, através da observação, deteção, registo e transmissão de notícias/informação sobre condições, situações ou acontecimentos, foi através da definição de disciplinas (EME, 2008, p. 32). Por razões burocráticas ou devido a precedentes históricos os países e organizações adaptam a sua doutrina de acordo com a perspetiva de relevância da informação a ser trabalhada pelos analistas.

A Comunidade de Informações (Clark, 2007, pp. 84-88) dividiu os métodos de pesquisa associando os métodos à abreviatura INT que representa *Intelligence*, por forma a definir áreas de responsabilidade organizacionais. Por este facto, pode-se deduzir que a sua génese não tem por base uma descrição concetual de Informações, mas sim de uma iniciativa burocrática.

Neste sentido, na Tabela 1, identificam-se os seguintes enquadramentos doutrinários adotados para este estudo.

Tabela 1 – Disciplinas das Informações.

Exército Português			Clark
Exército Americano		NATO	(2007, pp. 83-86)
HUMINT	HUMINT	HUMINT	HUMINT
IMINT	IMINT	IMINT	ACINT
ACINT	OSINT	OSINT	OSINT
MASINT	MASINT	MASINT	COMINT
SIGINT	SIGINT	ACINT	
		SIGINT	
		(COMINT/ELINT)	

Fonte: Adaptado a partir de Clark (2007), EME (2008), NATO (2016) e U.S. Army (2010).

Como se depreende da Tabela 1, a HUMINT é considerada elemento unanimemente presente nos diversos enquadramentos referidos. Poder-se-á inferir e concordar com Steele (2012, p. 41) ao referir que tal motivo se deve ao facto desta atividade ter um baixo custo ou de requerer poucos recursos. Ademais, podia-se acrescentar que este motivo assenta no facto de ser um meio mais suscetível de compreensão do que outros meios mais tecnológicos, em virtude do processamento da informação, ser através de uma “corrente” de pessoas, desde a passagem da informação da fonte para o operador, e do analista para o decisor.

Nesta conformidade, e com base na doutrina nacional, acrescida das Informações em Fontes Abertas (OSINT) – pela pertinência da informação disponível em fontes abertas no atual ambiente operacional – considera-se que:

- (i) *Human Intelligence* (HUMINT) – são as Informações obtidas através da recolha de informação com origem numa fonte humana;

- (ii) *Open Source Intelligence* (OSINT) – são as Informações obtidas através de informação recolhida com potencial valor, disponível em fontes abertas, ou seja, de acesso ao público em geral;
- (iii) *Imagery Intelligence* (IMINT) – são as Informações derivadas da exploração da pesquisa visual de fotografias, sensores infravermelhos, lasers, radares, entre outros, em que as imagens de objetos são reproduzidas em aparelhos óticos ou eletrónicos;
- (iv) *Signals Intelligence* (SIGINT) – são Informações compostas de forma individual ou combinada de recolha de informação através da interceção de comunicações (*Communications Intelligence*) ou emissões eletromagnéticas (*Electronic Intelligence*);
- (v) *Measurements and Signature Intelligence* (MASINT) – são as Informações obtidas através da informação científica e técnica obtida pela análise quantitativa e qualitativa dos dados (métricos, espaciais, comprimento de onda, etc.), provenientes de objetos/ alvos e fontes fixas ou dinâmicas, que contribuem para a sua deteção, localização, seguimento, identificação e/ou descrição (Adaptado de EME (2008, pp. 32-35) e Clark (2007, pp. 84-85)).

Curiosamente, algumas das disciplinas aqui referidas são comumente associadas a uma sociedade tecnologicamente desenvolvida, contudo, Clark (2007, p. 86) salienta alguns aspetos que inevitavelmente apraz referir: excetuando a MASINT para o devido efeito, as demais disciplinas são identificáveis desde há séculos passados. A recolha de informação através de fontes abertas remonta às origens dos primeiros manuscritos escritos. No âmbito da HUMINT, este autor cita os esforços descritos no *Velho Testamento* ao lembrar a passagem: “[...] Moisés enviou-os para espiar a terra de Canaã [...]”. Na vertente da SIGINT, nomeadamente a COMINT, poder-se-á recuar até ao tempo em que eram utilizados códigos visuais de bandeiras e sinais de fumos. Por último, no caso da IMINT identifica-se esta atividade através dos esboços e desenhos de castelos e cidades efetuados por espiões da altura.

Apesar das especificidades demonstradas anteriormente para cada uma das disciplinas, importa clarificar que as sinergias de atuação entre as mesmas podem, e devem ser asseguradas tendo em vista a redundância da informação recolhida - variável de análise para a confirmação da veracidade - potenciando de sobremaneira a produção de *Actionable Intelligence*, tal como se pretende representar na Figura 3.

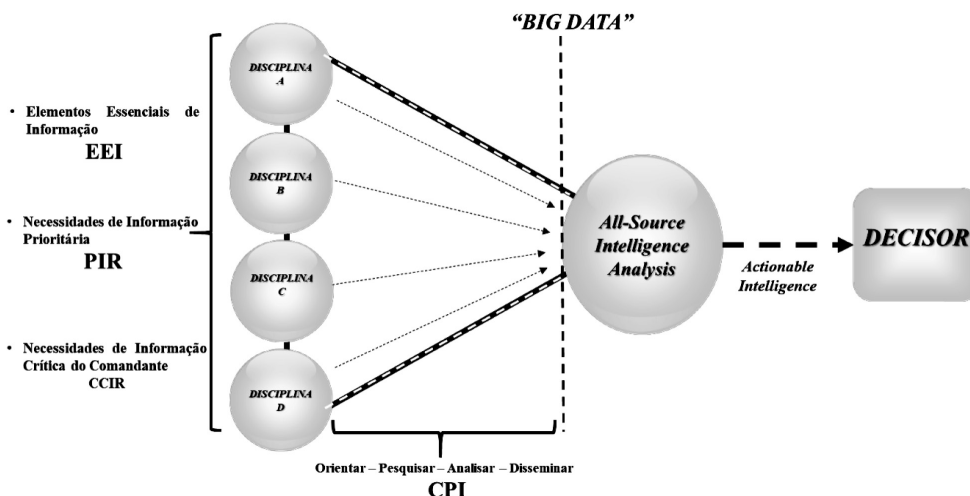


Figura 3 – Processo de Integração de Informações multidisciplinares para a produção de *Actionable Intelligence*.

Fonte: Adaptado de Herman (1996).

A Figura 3, pretende refletir a concepção holística do processo de apoio à decisão, através da disponibilização de *Actionable Intelligence*. Para tal, é ressaltado o facto de que perante as necessidades críticas de informação, atribuídas através de um plano de pesquisa distribuído aos sensores das várias disciplinas, são integradas numa *Big Data*. Este é um conceito que descreve o elevado volume de dados, estruturados e não-estruturados que, de certo modo, sobrecarregam as organizações. Contudo, não é o quantitativo de dados disponíveis que assume importância, mas sim o que perante estes, as organizações conseguem tirar proveitos (Instituto SAS, 2018).

Após a receção desta *Big Data*, assume a *All Source Intelligence Analysis* o papel fundamental de analisar, integrar e disseminar aos respetivos decisores um produto consolidado - *Actionable Intelligence*. Para compreender-se a complexidade desta matéria importa perceber que, atualmente, os dados “vêm de múltiplas fontes, o que torna difícil ligá-los, combiná-los, limpá-los e transformá-los entre sistemas. Não obstante, é necessário conectar e correlacionar relações, hierarquias e ligações múltiplas”, sob pena de escapar informação ou informações que, se interligadas, asseguram uma percepção mais real e verdadeira da situação (Instituto SAS, 2018). Atwood (2015) enquadrou e tipificou esta complexidade segundo a Figura 4.

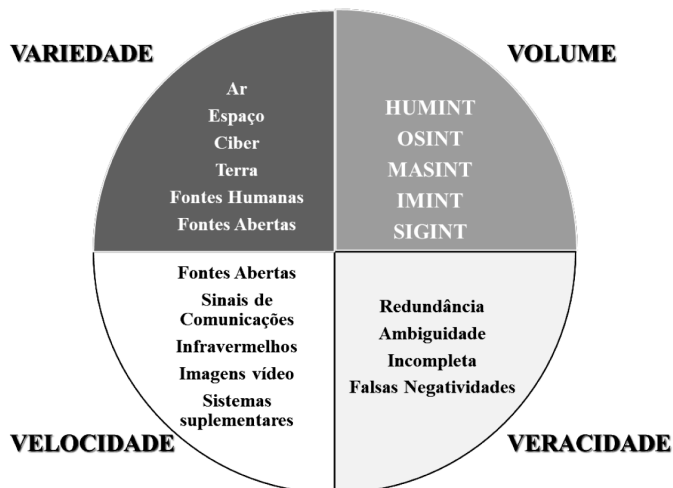


Figura 4 – As quatro variáveis “V”, inerentes à complexidade da “Big Data”.

Fonte: Adaptado de Atwood (2015).

No que diz respeito ao volume, a organização recolhe informação de fontes variadas, desde humanas a satélites que, face à evolução tecnológica existente, tem sido mitigada através de plataformas específicas para o efeito. No vetor veracidade, assume a capacidade de obtenção da mesma informação por meios distintos – redundância – um mecanismo útil de avaliação da exatidão ou verdade, da informação recolhida.

A velocidade, intimamente ligada à oportunidade das Informações, é deveras relevante, na medida em que os dados são transmitidos com uma rapidez sem precedentes, devendo ser processados em tempo útil. A variedade caracteriza-se pelos diferentes formatos: estruturados, nomeadamente numéricos, bases de dados tradicionais, e não-estruturados, tais como documentos escritos, correio eletrónico, áudio, vídeo e imagens satélite, entre outros (Instituto SAS, 2018).

Pelos motivos apresentados, pode-se deduzir que o elemento de complementaridade e proximidade entre as diferentes disciplinas assume uma base sólida para o sucesso de produção de Informações. No que respeita ao emprego de meios, P. Gomes C. (entrevista por email, 17 de novembro de 2018) considera que a natureza do conflito, do teatro de operações, dita ou deve ditar, quais as disciplinas que devem ser empregues, sendo que no caso particular da HUMINT, o seu emprego esteja sempre condicionado ao tempo e à periodicidade dos contactos, bem como ao idioma, à cultura e à morfologia do conflito e da sociedade.

2. HUMINT enquanto fonte de Informações

2.1. Enquadramento

Ao abordar a questão do elemento humano e a sua importância no CPI, deve-se antes avaliar uma miríade de fatores caracterizadores desta atividade, nomeadamente: as

especificidades que a revestem, as potencialidades, fragilidades e condicionantes do seu emprego, entre outros aspetos a aprofundar no presente capítulo.

Assim, a HUMINT pode ser enquadrada como uma das disciplinas das Informações que visa a obtenção de informações e/ou informação através da interação entre especialistas - operadores HUMINT - e fontes humanas (EME, 2008, p. 31). Por outro lado, a doutrina militar Americana define a HUMINT como:

[...] the collection by a trained HUMINT Collector of foreign information from people and multimedia to identify elements, intentions, composition, strength, dispositions, tactics, equipment, personnel, and capabilities. It uses human sources as a tool and a variety of collection methods, both passively and actively, to gather information to satisfy the commander's intelligence requirements and cross-cue other intelligence disciplines.

U.S. Army (2010, p. 108)

Por conseguinte, podemos deduzir que a atividade de HUMINT, utiliza fontes humanas para obter informação credível que permita ser confirmada por outra tipologia de pesquisa, no sentido de assegurar a um comandante ou decisor, o maior número de informações possíveis para apoio à sua decisão.

Tal como referido anteriormente, a HUMINT foi a primeira disciplina de Informações a existir e continua a ser a mais eficaz numa perspetiva de desenvolvimento a longo prazo, nomeadamente contra alvos de matriz assimétrica. Não existe forma melhor de obter *Actionable Intelligence* do que saber quem, o quê, quando, onde, porquê e como o inimigo pretende executar as suas ações, através da recolha de informação no seio da sua própria estrutura organizacional (Mazumadar, 2013, p. 18). Não obstante, importa reter que estes tipos de ações cobertas demoram anos a desenvolver, nomeadamente no estabelecimento de relações interpessoais a um nível considerável de acesso à informação potenciadora de se constituir *Actionable Intelligence*. Por outro lado, as atividades a claro da HUMINT são, de igual modo, uma excelente fonte de obtenção de informação sobre forças assimétricas, nomeadamente através de *debriefing* de patrulhas, interrogatórios a elementos detidos, ligação com entidades locais e interação com agentes não governamentais (Mazumadar, 2013, pp. 18-20).

Esta fonte de Informações, “[...] inclui todos os tipos de dados e informações recolhidas pelos seres humanos a partir de fontes abertas ou classificadas, pelo recurso à observação direta de comportamentos, eventos ou objetos” (Fernandes, 2014, p. 111).

A HUMINT vem permitir o acesso a informações relativas a “[...] planos e intenções adversárias, deliberações e decisões, pesquisa e desenvolvimento de estratégias, doutrina, liderança, relações políticas ou militares, sistemas de armas, infraestrutura física e cultural e condições médicas” (ITACG, 2009, p. 7). Por conseguinte, a HUMINT “[...] permite o acesso a dados e informações que são impossíveis, ou por vezes difíceis, de obter através do recurso a outros meios [...]” (ITACG, 2009).

Assim, pode-se, pois, inferir que a atividade de HUMINT constituiu-se no passado e constitui-se no presente, num elemento importante de apoio à decisão de um comandante em operações de combate de perfil assimétrico.

2.2. Limitações da HUMINT

O facto da atividade de HUMINT centrar-se no elemento humano e na sua capacidade de interação, faz com que se identifique um conjunto de limitações que também neste contexto importa ressaltar, no intuito de desenvolver mecanismos possíveis de mitigação. Assim, identificam-se:

- (i) Habilidade interpessoal – A atividade HUMINT está mais dependente das qualidades individuais inatas ou adquiridas de um sujeito, do que da habilidade de operar equipamentos sejam eles de que índole for;
- (ii) Requisitos preliminares – Antes de desenvolver qualquer operação HUMINT, existe um trabalho anterior necessário, nomeadamente na identificação de pessoas de interesse que se constituam como potenciais alvos para recolha de informação útil;
- (iii) Efetivo limitado – A especificidade técnica e pessoal potencia uma seleção criteriosa dos meios que, por sua vez, na generalidade das situações, são incapazes de satisfazer todas as necessidades de informações. Neste contexto, assume a priorização face à criticidade da informação, um papel preponderante de ação;
- (iv) Limitações temporais – O fator tempo está intimamente ligado à atividade HUMINT, nomeadamente nas operações com fontes, cujo relacionamento empático e de confiança acarreta maior tempo despendido;
- (v) Limitações linguísticas – Apesar dos operadores HUMINT poderem utilizar interpretes, a falta de proficiência linguística com a fonte poderá condicionar não só a recolha da informação como também limitar a capacidade empática a estabelecer na medida em que entre o operador e a fonte está um “filtro”;
- (vi) Incompreensão da missão – Comumente são atribuídas a operadores HUMINT, tarefas de Polícia Militar ou de Unidades de Contrainformação, por desconhecimento da missão e emprego destes meios;
- (vii) Avaliação e Disseminação da informação – O tempo de produção e da avaliação da veracidade da informação, acarreta um conjunto de coordenações por forma a assegurar a oportunidade no apoio à conduta das operações;
- (viii) Terreno – Pode o terreno constituir-se um obstáculo quando a área de atuação da ameaça não garante um acesso acoberto à organização (e.g. montanhas, deserto, etc.) ou cria dificuldades na utilização otimizada de equipamentos sofisticados;
- (ix) Fator humano – Unidades de Informações devem ter em atenção a população local onde são desenvolvidas as atividades HUMINT, nomeadamente no domínio da informação sociológica e cultural. Sem apoio desta, as operações a desencadear assumem uma dificuldade acrescida (Mazumadar (2013, p. 26) e U.S. Army (2010)).

Face ao exposto, pode-se inevitavelmente deduzir que, agregada à própria atividade HUMINT, decorre um conjunto de múltiplas relações de caráter extrínseco e intrínseco com impacto direto no sucesso da mesma. Os aspetos aqui identificados pretendem enaltecer, a par da importância que as qualidades individuais assumem na atividade HUMINT, os fatores necessários a ter em conta para o sucesso, materializado na disponibilização de *Actionable Intelligence* para o decisor.

2.3. O Ciclo de Produção de Informações e o Ciclo de Pesquisa HUMINT

Não sendo o enfoque principal deste estudo efetuar uma análise detalhada do CPI, procura-se estabelecer um conjunto de premissas que sustentem um racional de abordagem específico para o caso particular da HUMINT. Menezes (2012, p. 19) considera que “o modelo geral do CPI apresenta várias críticas de onde sobressai a falta de comunicação entre quem procura obter informações e os decisores, principalmente entre a pesquisa e a análise”. Nesse sentido, Silva (2018, pp. 28-30) defende que os passos *Orientar, Pesquisar, Analisar e Disseminar* devem ser complementados sobre as formas de *avaliação* e de *feedback* entre os dois intervenientes no processo – analista e decisor.

No âmbito específico da HUMINT, Steele (2012, pp. 5-6) considera que à entrada do século XXI, o paradigma das Informações mudou, nomeadamente nas relações e processos estabelecidos entre intervenientes. Face à evolução do ambiente operacional imperava a necessidade de alterar as formas de relação. No caso do esquema Linear (Figura 5) é dada prioridade à hierarquização do fluxo de informações, respeitando escrupulosamente os processos burocráticos estabelecidos. No caso do esquema Diamante (Figura 5), o foco é dado à dinamização das relações possibilitando, de forma oportuna, estabelecer canais ao longo de toda a cadeia de informações permitindo, deste modo, e de acordo com Steele (2012, p. 5) assegurar de forma proeminente a satisfação do princípio das Informações - Oportunidade.

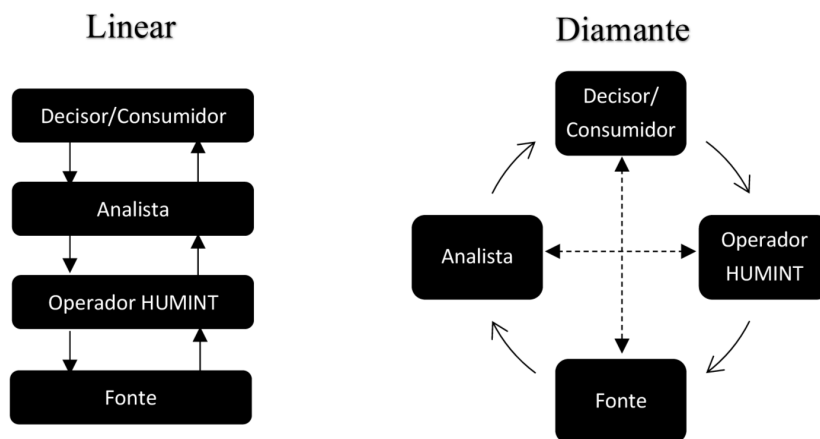


Figura 5 – Paradigma Linear vs Diamante.

Fonte: Adaptado de Steele (2012, p. 5).

O que os autores Silva (2018) e Steele (2012) pretendem salientar nos casos referentes ao CPI e ao esquema Diamante respetivamente, é a importância da proximidade que o meio de pesquisa - operador HUMINT - e o decisor/consumidor devem ter, acrescido neste caso particular, do facto de que a própria conduta operacional de um operador poder ser focada na *intenção* por detrás de um requisito ou necessidade de informação.

Não obstante, importa estabelecer uma relação entre o CPI e as fases de uma Operação HUMINT. Todas as atividades de HUMINT, independentemente da metodologia da operação

onde esta se integra, são constituídas por cinco fases distintas, nomeadamente: planear e preparar, a abordagem, o questionário, encerramento e o reporte. Geralmente apresentam-se de forma sequencial, contudo podem haver relatos que, devido à técnica de abordagem efetuada, permita precocemente a obtenção de informação crítica carente de oportunidade, precipitando e reduzindo as próprias fases do Ciclo de Pesquisa HUMINT (CPH) salientadas na Figura 6.

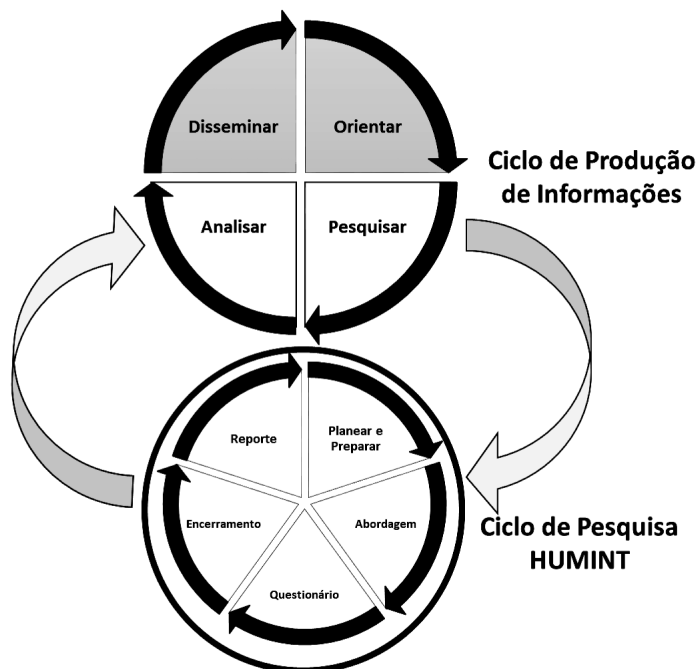


Figura 6 – Interação entre o CPI e o CPH.

Fonte: Adaptado de Silva (2018) e U.S. Army (2010).

Convergindo para o objetivo de sensibilizar a comunidade científica e militar para esta área, torna-se pertinente de seguida apresentar a perspetiva inerente a cada uma das fases. Na fase *Planear e Preparar*, o operador HUMINT conduz a pesquisa necessária para a conduta da operação, nomeadamente nos aspetos administrativos e operacionais que requerem preocupação (U.S. Army, 2010, pp. 1-5). No âmbito administrativo, salientam-se os aspetos relacionados com gastos financeiros, transportes e eventualmente coordenações a estabelecer com outras entidades (e.g. polícia local, congéneres internacionais, entre outros). Na vertente operacional, importa salientar os aspetos inerentes à proteção da força do operador HUMINT, o local do encontro, os trajetos e percursos de entrada e saída do local, comunicações e ainda o estudo da pessoa com quem vai ser estabelecida a interação (histórico, ligações, estudo de perfil, avaliação da confiabilidade).

A fase da *Abordagem*, caracteriza-se pela criação das condições de segurança e de empatia necessárias para a interação cooperativa entre o operador e a fonte, permitindo deste modo um ambiente propício para a partilha de informação.

Neste seguimento, e criadas as condições externas que permitem a troca de informação, o Operador inicia a fase de *Questionário*, utilizando todas as metodologias ao seu dispor (e.g. *elicitation*, *debriefing* ou interrogatório)⁵ para questionar a fonte de forma sistemática sobre tópicos anteriormente planeados ou contingenciais, que concorram para um plano de pesquisa superiormente definido e que, simultaneamente, permitam verificar a veracidade e consistência das mesmas.

O procedimento ou técnica utilizada, será posta em prática sempre de acordo com a avaliação que o operador fará da fonte em particular e do espaço envolvente onde a operação decorrerá. No que respeita às fontes em concreto, elas podem ser estratificadas de acordo com o seu potencial valor, quantidade e sensibilidade da informação a obter, tendo por base, nomeadamente o nível de acesso à mesma. Assim, Herman (1996, p. 63) considera, tal como apresentado na Figura 7, que na generalidade dos casos, a informação proveniente de viajantes ou peritos em matérias específicas terá menor relevância face à facultada por agentes.



Figura 7 – Pirâmide do valor, quantidade e sensibilidade de uma fonte para uma atividade da HUMINT.

Fonte: Adaptado de Herman (1996, p. 63).

Ainda durante o encontro, na fase de *Encerramento*, o operador procura efetuar uma recapitulação sobre a conversa efetuada por forma a confirmar, por um lado, a informação transmitida e, por outro, a assegurar que a confiança e a relação estabelecidas, permita a realização de futuros encontros. Por último, na fase de *Reporte*, o operador transmite a informação, através da submissão sob formato escrito ou verbal, de um relatório com a informação obtida em consonância com o esforço de pesquisa estabelecido, a fim de poderem ser analisados, processados, e consoante o caso, disseminados.

Não obstante às fases anteriormente elencadas, importa enaltecer o facto de que esta

⁵ Neste artigo não se pretende aprofundar técnicas, táticas ou procedimentos operacionais inerentes à atividade HUMINT, sob pena de não cumprir a premissa de manter o artigo não classificado.

atividade está associada a um conjunto de elementos condicionantes e subjetivos que influenciam o decorrer destas operações. Estes elementos vão desde a empatia ou antipatia criadas entre os intervenientes, a sensibilidade da informação a transmitir ou transmitida, a segurança do meio envolvente onde se realiza o encontro, entre outros. Estes fatores potenciam um conjunto de características inatas e adquiridas que um operador de HUMINT deve reunir.

3. O Operador HUMINT

Não se pode fazer uso de todas as potencialidades dos espões sem uma certa sagacidade intuitiva.

Sun Tzu (2009, p. 99)

Antes de se efetuar uma análise específica às características inerentes a um operador HUMINT, importa compreender que esta atividade assenta na relação entre dois seres humanos, em que um deles pretende obter do outro, informação, sem que este último se aperceba ou tenha de forma deliberada intenção de a dar (Sayre, 2004, p. 17). Não existe qualquer indício explícito ou implícito que identifique uma alteração comportamental no estabelecimento de relações interpessoais desde o início da civilização até aos dias de hoje. Tal como antigamente, as relações atuais, carecem de um mínimo de *rapport*⁶ entre duas pessoas. Esta capacidade empática, associada à confiança estabelecida entre os dois intervenientes, são os pilares necessários para sustentar uma relação de sucesso e vantajosa.

Face ao exposto, pode-se inferir que um operador de HUMINT deverá ser possuidor de um perfil específico, capaz de permitir a um individuo, desenvolver atividades HUMINT, por um lado através de uma afinada utilização da ciência e, por outro, em concordância com a delicadeza da sua arte (Mazumadar, 2013, p. 23). O mesmo autor, salienta ainda que a par da importância das competências técnicas que um operador deve ter, as suas qualidades inatas constituem-se preponderantes no sucesso da atividade HUMINT.

No entanto, o sucesso das operações no âmbito da HUMINT não depende propriamente do número de elementos que se encontram no terreno, mas sim da qualidade que esses possuem para a prossecução da sua missão que, para além de terem que ser bons no que fazem, devem operar de formas distintas, não sendo profícuo ter mais espões a fazer o mesmo (Zegart, 2007). Como defende Hitz (2010, p. 274), para se ter sucesso numa operação de infiltração, “o agente deve ser bom nessa tarefa”, pois só com bons agentes no terreno se conseguirá uma operação eficaz, onde são alcançados os objetivos propostos.

3.1. O Perfil

Tal como tem vindo a ser enaltecido, o papel do elemento humano assume uma inevitável preponderância nesta atividade da HUMINT. Apesar da existência de um conjunto de qualidades impercetíveis que “definem um bom” operador HUMINT, importa ressaltar e claramente identificar, as características dos traços que o mesmo deve possuir (U.S. Army (2010):

⁶ Conceito do ramo da psicologia que significa uma técnica usada para criar uma ligação de sintonia e empatia com outra pessoa (Significados, 2018).

- (i) Atento – O operador HUMINT deve ter a capacidade de manter elevados índices de alerta. Ele deverá manter o foco da atenção simultaneamente na informação que está a ser-lhe transmitida e na avaliação da sua veracidade e valor, através da análise comportamental da fonte, bem como do ambiente de segurança envolvente;
- (ii) Paciência e Discrição – O operador deverá ter a calma suficiente para conseguir manter uma base sólida de confiança e empatia com a fonte durante a conversação. Qualquer rotura ou demonstração de impaciência poderá criar uma perda do respeito com impacto direto na disponibilidade para transmitir informação;
- (iii) Credibilidade – O operador deve pautar pela projeção clara de uma imagem de profissionalismo e confiança nas suas capacidades. Simultaneamente, deverá estar apto a articular conceitos e situações complexas, apresentando-se de forma crível e consistente, assegurando o cumprimento de promessas feitas e não as fazer caso não seja capaz de as cumprir;
- (iv) Objetividade e Autocontrolo – Caso não seja objetivo, o operador corre o risco de distorcer inconscientemente a sua análise da informação transmitida, perdendo a capacidade de emprego eficaz das técnicas de questionamento. Não deve perder a iniciativa durante a conversa, nem demonstrar irritação ou fúria pelo decurso da conversação não ir ao encontro das suas expectativas;
- (v) Adaptabilidade – A capacidade de adaptação de um operador às várias personalidades de uma fonte, é fundamental para o cumprimento com sucesso da atividade de HUMINT. Esta capacidade em se adaptar, deve ser extensiva a locais, ritmos operacionais e ambientes operacionais;
- (vi) Perseverança – A resiliência perante as adversidades derivadas pela não-cooperação da fonte, ou outra qualquer atitude contraditória aos seus objetivos, constitui um fator importante para o sucesso;
- (vii) Aparência e Comportamento – O aspeto com que o operador se apresenta, bem como a sua conduta e postura durante a interação com a fonte assume de igual modo relevância, na medida em que esta, ainda que eventualmente de forma inconsciente, também avalia e cria uma opinião sobre o operador. Uma imagem positiva facilita a cooperação no diálogo;
- (viii) Iniciativa – Alcançar e manter a vantagem durante o diálogo é fundamental para o sucesso do encontro. Não deverá haver uma subjugação física da fonte, mas sim um assumir da orientação da conversa ao encontro dos objetivos traçados para a mesma.

Após a abordagem concetual dos traços de perfil de um operador de HUMINT, procurou-se identificar num âmbito prático de contexto operacional, quais as qualidades que se procuram num individuo para o desempenho desta atividade. Assim, com base no testemunho de militares que chefiaram e formaram operadores HUMINT em contexto militar, nacional e internacional, foram identificadas num universo de 20 qualidades distintas, as seguintes com maior frequência de escolha, explanadas na Figura 8:

Perfil de um Operador HUMINT



■ Empático ■ Atento ■ Disciplinado ■ Criterioso ■ Comunicativo ■ Íntegro ■ Credível

Figura 8 – Gráfico ilustrativo da relevância das qualidades inerentes a um Operador HUMINT.

Fonte: Entrevistas a militares dos três Ramos com experiência operacional (2018).

Os números salientes no gráfico circular pretendem replicar a escolha da qualidade específica efetuada pelos entrevistados. Da análise do gráfico anterior, pode-se inferir uma convergência entre as respostas, cuja experiência operacional revela o equilíbrio que um operador deverá possuir entre a capacidade empática que deve ser capaz de estabelecer, e um elevado nível de atenção, não só na análise comportamental demonstrada pela fonte como também no meio envolvente onde a ação decorre.

Efetuando um necessário balanceamento entre competências inatas e adquiridas, pode-se verificar que existe um consenso entre os entrevistados, no que diz respeito à maior relevância dada às qualidades pessoais face às adquiridas, especialmente, e como H. Rodrigues (entrevista por email, 19 de novembro de 2018) corrobora, essencialmente durante o processo de recrutamento e seleção de candidatos a operador. No mesmo sentido, F. Machado (entrevista por email, 20 de novembro de 2018) refere que, se alguém não tiver características inatas para este tipo de atividade, por mais formação que lhe seja ministrada, nunca vai conseguir um desempenho de funções razoável, pois, uma pessoa introvertida, com dificuldades de dicção, com marcas corporais particulares, com muitas vulnerabilidades pessoais, com pouca iniciativa e com dificuldades na tomada de decisão rápida, é alguém que muito dificilmente conseguirá ter sucesso na condução de operações HUMINT.

Não obstante ao referido anteriormente, as competências adquiridas assumem fator a ter em consideração na “construção” de um operador HUMINT. Tal como C. Cavaco (entrevista por email, 15 de novembro de 2018) salienta, para se otimizar o emprego dos recursos humanos adstritos a esta atividade, torna-se necessário escolher os candidatos a operador

mais aptos para o desempenho deste tipo de operações, implicando esse facto, que os mesmos possuam um índice de inteligência emocional⁷ elevada e que sejam criteriosos, de forma a sistematizarem e posteriormente difundirem de forma organizada a informação recolhida. C. Cavaco (op. cit) salienta ainda que, “nesta atividade não basta ser simpático ou popular se não se for disciplinado e sistemático”.

3.2. Formação

Para ter sucesso, a instrução geral e específica, inerentes às atividades HUMINT, deverá sempre respeitar a premissa de que o processo de seleção de identificação de elementos com o perfil para desenvolver ações desta tipologia em análise foi efetuado. Por conseguinte, identifica-se um conjunto de técnicas, táticas e procedimentos que devem ser adquiridos pelo indivíduo de modo a aumentar a capacidade de interação, de persuasão e de reação, perante as inúmeras tipologias de caráter, personalidade ou situações com que este, em ambiente operacional, se pode deparar.

Não sendo o objeto deste estudo o detalhe técnico operacional, é, no entanto, importante identificar, sim, um conjunto de conhecimentos e preparação prévia que um operador deve possuir, tendo como base o racional subjacente ao processo de seleção utilizado pelo Centro de Psicologia Aplicada do Exército, em coordenação com o Centro de Segurança Militar e de Informações do Exército, em que, este último, se constitui como entidade formadora do Curso de Operador HUMINT, para os Ramos das Forças Armadas, Guarda Nacional Republicana, Polícia Judiciária Militar, Polícia Marítima e Polícia de Segurança Pública.

Não obstante, importa salientar que a formação é contínua, na medida em que independentemente das matérias técnicas particulares que iremos adiante especificar, deverá ser tido em conta de que coexistirá inevitavelmente com a necessidade de conhecimento a adquirir, respeitante à área de operações onde se irão desenrolar as atividades (compreensão da organização social, política e económica, a história e a cultura), as ameaças ou potenciais ameaças com que se poderá confrontar (organização, *modus operandi*, equipamento e motivações), leis locais que possam afetar a conduta das operações, *Cultural awareness*, proficiência linguística (local) e de análise comportamental, bem como os requisitos de informação necessários a satisfazer (U.S. Army, 2010, pp. 18-22).

Assim, numa fase inicial de preparação da formação, deve ser encetado esforço nas seguintes fases: Planeamento, Execução, Relatórios e Considerações transversais (CPAÉ (2009).

(i) Planeamento

Atribuída uma missão, o planeamento representa 80% do sucesso/insucesso da mesma. Para tal as instruções devem convergir para objetivos que permitam a um operador ter o conhecimento necessário para:

- Planear de modo detalhado e organizado;
- Pensar – “para atingir aquele fim, o que é que tem que saber previamente?”;

⁷ Inteligência emocional é “a habilidade de gerir as emoções de modo que sejam exprimidas de forma adequada e efetiva, permitindo às pessoas trabalhar de maneira coordenada em torno dos objetivos comuns” (Goleman, 2011, pp10-20).

- Com os dados disponíveis, fazer um planeamento coerente e exequível;
 - Estudar a fonte, no que respeita a analisar e compreender os comportamentos padrão, os acessos, o histórico de contactos prévios, interesses, ocupações, etc.
- (ii) Execução
- De acordo com o planeamento, assegurar as instruções teórico-práticas necessárias para que seja permitido ao operador, a noção da maior ou menor dificuldade na adaptação a determinada fonte. Permitir o treino para casos em que a fonte é “muito diferente” da sua própria “maneira de ser e estar”. Fomentar um espírito crítico de análise que garanta ao operador a noção exata das suas dificuldades por forma a, antecipadamente, prever mecanismos de mitigação.
- Assim, importa que a formação saliente a importância de, na adaptação à fonte, o operador consiga:
- Manter uma atitude educada;
 - Possuir um vestuário ajustado à fonte e ao local;
 - Ter uma capacidade de “ser bom ouvinte”;
 - Possuir capacidade empática;
 - Possuir capacidade de efetuar análise corporal da fonte, sem comprometer qualquer ponto dos anteriormente referidos.
- Mantendo um discurso que permita:
- A apresentação;
 - Credibilidade à história de cobertura;
 - Estabelecimento/fortalecimento do rapport;
 - Atingir o objetivo do encontro;
 - O resumo dos tópicos abordados;
 - O agendamento de um novo encontro com a fonte.
- (iii) Relatórios
- A instrução relativa à produção escrita assume preponderância em dois pilares distintos: uniformização de processos e materialização de um histórico da informação obtida. Como tal, a instrução deve focar-se na:
- Capacidade de síntese escrita (claro, preciso, conciso e em tempo);
 - Capacidade de transmitir de forma escrita os seus comentários e percepções decorrentes da ação;
 - Ligação por escrito, da verbalização da fonte, de acordo com a interpretação do operador;
 - Transmissão escrita da análise da congruência/incongruência da comunicação verbal e não-verbal.
- (iv) Considerações transversais
- Paralelamente, e de forma transversal, face à especificidade da dinâmica existente da atividade HUMINT, deverá ser estimulado num operador em formação:
- Capacidade de trabalho em equipa;
 - Aquisição de uma cultura geral acima da média;
 - Maturidade elevada;

- Locus de controlo interno⁸;
- Não agressividade;
- Raciocínio rápido;
- Capacidade de argumentação, mantendo a imparcialidade.

3.3. O Soldado como sensor

A especificidade formativa inerente à atividade de recolha de informação através de fontes humanas não pode, contudo, ser limitado a um efetivo tão restrito, sob pena de não serem otimizados os recursos humanos disponíveis. Não obstante, Steele (2012) considera que os soldados, em *latu sensu*, continuam a ser tratados em quantidade e não enquanto um recurso de qualidade. O treino que estes recebem assenta, essencialmente, nos meios e sistemas que podem operar, ao invés de investir paralelamente, nas necessidades e habilidades individuais que cada um possui.

A complementaridade de atividades no âmbito das atividades HUMINT, a ser desempenhada por elementos especializados e não especializados revela-se, perante a complexidade do ambiente operacional onde as operações militares decorrem, uma significativa mais-valia. O contacto próximo que as forças estabelecem no âmbito das operações de rotina através, por exemplo, de patrulhas apeadas e motorizadas, deve ser uma oportunidade a explorar. Para tal, deve o comando de uma força militar estar sensibilizado para garantir que, da mesma forma que um soldado recebe instrução para combater como elemento de infantaria, receba, igualmente, a formação básica necessária que lhe permita constituir-se como um sensor de recolha de informação (*Institute of Land Warfare*, 2005).

Por conseguinte, também neste caso se identifica a necessidade de ajustamentos formativos na própria preparação dos militares para o desempenho nas operações militares pois, objetivamente, os soldados estão “expostos” a informações que poderão ser de valor substantivo caso sejam recolhidas. Tal como salientado neste relatório (*Institute of Land Warfare*, 2005, pp. 5-6), a mudança cultural e concetual de emprego, apenas poderá ser atingida através da elaboração de doutrina, treino e desenvolvimento de lideranças que potencie uma ainda maior integração das Informações na conduta das operações.

Esta mudança deverá permitir aos decisores e comandantes, a compreensão do potencial de emprego dos seus soldados como meios importantes de recolha de informação para a contribuição de um plano maior integrativo das disciplinas de informações ao seu dispor. Para atingir este desiderato, têm os soldados, no campo de batalha, estar aptos para entender a importância de relatar ocorrências, perceções e julgamentos de maneira precisa e concisa no contexto holístico de uma compreensão situacional das operações.

Atualmente, perante o contexto operacional de emprego de uma força militar face às características do ambiente operacional, torna as Informações uma responsabilidade de todos os intervenientes no combate (Steele, 2012).

Em suma, neste contexto de que “um soldado, é um sensor”, a formação assume um

⁸ Grau em que as pessoas sentem que não têm controle sobre os eventos que influenciam as suas vidas (Psicoativo, 2018).

papel vital, quer na formação complementar, mas especializada nos objetivos a atingir, quer nas técnicas necessárias para o efeito a ser ministrada aos soldados. De igual modo, o esforço passa também por, ao nível do comando, sensibilizar para as vantagens e potenciais consequências práticas no contributo do “soldado” para a produção de *Actionable Intelligence* em apoio à decisão.

Conclusões

De forma a sistematizar as conclusões, resultantes da análise e reflexão crítica do presente estudo importa, antes de mais, visitar o objetivo definido a atingir. Assim, com o presente estudo, pretendeu-se compreender as possibilidades e os contributos da HUMINT no apoio à condução das operações militares.

Para atingir este desiderato, efetuou-se uma investigação com base num raciocínio dedutivo, assente numa estratégia qualitativa, através de uma análise documental e de conteúdo, com recurso a entrevistas a especialistas com experiência operacional.

Para melhor elucidar toda a dimensão inerente à atividade HUMINT, iniciou-se a análise através de um enquadramento concetual que permitiu identificar a relevância da recolha de informação através de fontes humanas na prossecução dos objetivos definidos pelo Homem ao longo da sua própria evolução. O motivo de por um lado no passado, o Homem necessitar obter vantagem sobre alguém ou algo para assegurar a sua própria sobrevivência ser um facto, ou por outro e, mais recentemente, a evolução tecnológica e globalização, poderem ser elementos potenciadores de um recrudescimento da incapacidade ou limitação da HUMINT, veio, pelos argumentos identificados, revelar-se ser falso.

A interação entre pessoas hoje, como no passado, apesar de toda a mutabilidade e volatilidade do próprio ambiente operacional, continua a ser decisiva. A própria globalização, difusidade e imiscuidade que caracterizam a ameaça contemporânea, releva a HUMINT para um elevado patamar de importância enquanto ferramenta de mitigação da mesma.

A deslocalização da ameaça, bem vincada por diversos autores neste estudo, permite perceber a deslocalização contextual do emprego de uma força militar para zonas urbanas, cujo elevado aglomerado populacional é uma realidade e simultaneamente um condicionamento ou limitação no que à condução de operações militares diz respeito. Também neste aspeto, a realização de operações militares incisivas, objetivas e com o mínimo de danos colaterais, assentam na necessidade de informações oportunas, ou seja, que permitam o apoio à decisão de um comandante e a otimização do emprego das suas forças no local e no tempo necessários para o cumprimento com sucesso da sua missão.

Neste seguimento, foi efetuada a desconstrução concetual das Informações e a clarificação entre os objetivos desta com a atividade de Contrainformação, que pela proximidade da condução operacional entre as mesmas causa, por vezes, necessidade de desconflitualização⁹.

Assim, foi possível compreender que apesar desta proximidade referida anteriormente, as duas áreas possuem objetivos último distintos. A Contrainformação foca a sua atividade na identificação e neutralização de ameaças, ao invés das Informações, que visam o seu esforço

⁹ Em contexto operacional assume a estrutura 2X numa organização essa função.

na identificação de aspetos que permitam a obtenção de vantagem sobre um adversário, inimigo ou competidor através da análise de informação recolhida das suas capacidades, intenções e vulnerabilidades, bem como do ambiente operacional onde o conflito possa ocorrer. Esta clarificação assume importância na prossecução deste estudo, na medida em que a HUMINT, em *stricto sensu*, de conduta operacional, ou seja, no emprego de técnicas, tática e procedimentos, pode concorrer para qualquer uma das duas vertentes.

A estratificação piramidal do valor útil das Informações, em *latu sensu*, permite não só perceber o processo de transformação dos dados obtidos, em conhecimento disponível a um decisor no apoio à sua decisão, como também de identificar num contexto de integração entre o CPI e o CPH, a relevância do *Princípio das Informações – Oportunidade* – através da produção de *Actionable Intelligence*.

Nesta conformidade e, tendo em conta o contexto atual, caracterizado por uma incerteza e difusidade matricial de atuação, pôde-se inferir que a capacidade de assegurar um elevado nível da compreensão comum da situação, de disseminar com rapidez, eficácia e oportunidade, as informações que permitam o emprego maximizado do potencial de combate da força, será o elemento decisivo para atingir o sucesso da missão.

Para tal, assume o fator tempo preponderância neste desiderato, bem como a interação entre as pessoas. Esta razão apoiada no facto de a recolha, independentemente do sensor, ser efetivada, analisada, processada e decidida por pessoas permite concluir que o elemento humano está presente nas fases fundamentais do CPI de *Orientar, Analisar e Processar Informações*, em apoio à decisão. No mesmo sentido, acresce a HUMINT, enquanto meio de recolha de informação de fontes humanas uma singularidade única face às demais disciplinas.

Ao falar-se de disciplinas das Informações, refere-se à forma taxonómica como são enquadradas as diferentes tipologias de meios ou sistemas de recolha de informação, podendo variar desde fontes humanas, a comunicações, internet, fotografias ou espectro eletromagnético, entre outros. Esta necessidade teve a sua génese em factos de ordem burocrática ou de precedentes históricos, que constituíram uma base doutrinária de emprego dos respetivos meios. Dos dados elencados, pode-se deduzir que a HUMINT, ou seja, o recurso à obtenção de informação de fontes humanas, é a disciplina que reúne de forma unânime a participação efetiva numa vertente de emprego operacional. Comumente, constata-se que, apesar de disciplinas das Informações, tais como a OSINT, SIGINT e IMINT serem associadas a uma sociedade cada vez mais tecnológica, não relegam nem minimizam a importância da HUMINT enquanto coletor de informação. Esta razão deve-se ao facto de apesar da sofisticação e contributo inquestionável dos mesmos para um CPI eficiente, somente a HUMINT tem a possibilidade de identificar intenções e motivações da ameaça.

Independentemente destes aspetos anteriormente salientados, ficou objetivamente identificada a necessidade da existência de uma capacidade sólida de integração e processamento da informação proveniente das diferentes tipologias de recolha, por forma a assegurar *Actionable Intelligence* a um decisor. Nesse sentido, esta capacidade irá permitir correlacionar relações e informação obtida através de diferentes fontes, testar a sua veracidade através da redundância dos meios e assegurar uma perceção mais real e verdadeira da situação.

Efetuada a caracterização holística das Informações, nomeadamente no relacionamento entre o fim a que se destina e os meios disponíveis para o fazer, importa, pois, perceber no caso concreto da HUMINT, o papel que esta atividade pode ter no apoio direto e indireto ao processo de tomada de decisão.

Para tal, definiu-se a HUMINT como sendo uma disciplina de Informações que maximiza as interações com seres humanos - fontes ou contactos - de forma a recolher dados de forma sistemática e controlada. As referidas interações possuem a capacidade de fornecer informações sobre as ligações, intenções e motivações de um determinado ator, permitindo desta forma, estabelecer ligações entre indivíduos e/ou organizações.

Contudo, e tendo por base de análise o fator - elemento humano, identificam-se um conjunto de vantagens ímpares que a atividade HUMINT possui. Não obstante, e de igual modo, foi possível deduzir-se um conjunto de limitações no que respeita ao seu emprego. Das várias limitações identificadas, importa realçar o conjunto de qualidades inatas e adquiridas necessárias a um especialista para poder desenvolver operações HUMINT, bem como o tempo associado a estabelecimento de uma relação empática com uma fonte.

Por conseguinte e, tendo presente os elementos tempo e oportunidade presentes nesta reflexão, procurou-se identificar e estabelecer uma correlação entre o CPI e o CPH. Com a particularização dos processos inerentes ao CPH, foi possível estabelecer uma compreensão objetiva dos processos inerentes à atividade HUMINT e associá-los às fases do CPI. Desta análise, pôde-se inferir que a relação de proximidade entre decisor, enquanto orientador das necessidades de pesquisa, e a fonte de recolha de informação, pode constituir-se como catalisador para a produção de *Actionable Intelligence* permitindo, de forma contínua, um esforço atualizado, flexibilidade e capacidade de adaptação a novos requisitos de informação que surjam de um ambiente operacional volátil.

Identificada a complexidade dos fatores extrínsecos e intrínsecos inerentes à conduta da atividade HUMINT, nomeadamente na preponderância do elemento humano, procurou-se identificar um conjunto de qualidades inatas e adquiridas que otimizam de sobremaneira os resultados alcançados. Para apoiar este processo de análise, foi fundamental o conjunto de entrevistas efetuadas a militares das Forças Armadas, com experiência operacional nas chefias de Células de Informações Militares, em Teatros de Operações, nomeadamente, Kosovo, Afeganistão e Lituânia.

De forma consensual, foi considerado que a par das competências técnicas existem um conjunto de qualidades inatas, que são importantes para atingir a proficiência enquanto operador HUMINT, nomeadamente, capacidade empática, credibilidade e atenção. Após correlacionar estes dados com a doutrina enquadrante, pôde-se inferir e concluir que existe uma relativa convergência nas vertentes teóricas e operacionais, comprovando a necessidade de uma base sustentada ao nível individual, para poder assumir competências de especialista HUMINT.

Ainda com base nas entrevistas efetuadas, foi identificada de forma unânime a necessidade de consciencializar ações e atitudes sob uma forma de aprendizagem que permita a aquisição de forma consolidada de técnicas, táticas e procedimentos no âmbito das operações HUMINT. Este processo deverá ser contínuo no que respeita, quer ao

aperfeiçoamento das suas competências adquiridas, quer face ao terreno “humano” onde se poderão desenvolver as operações.

Pelas razões elencadas, assume o processo de recrutamento e seleção de operadores HUMINT um fator fundamental tendo em consideração, quer a otimização dos recursos existentes na organização, quer a especificidade e responsabilidade inerentes à própria conduta desta tipologia de operações. Apesar de não ter sido o objetivo deste estudo particularizar os processos inerentes à seleção, ficou bem salientado, os aspetos a explorar nas diversas fases processuais de identificação que, de acordo com as qualidades inatas que possuem e a explorar, correspondem às expectativas base exigidas para um operador.

Não obstante à especialização necessária para um operador HUMINT anteriormente enaltecida, pôde-se concluir que, numa abordagem holística de obtenção de informação através de fontes humanas, pode um soldado, constituir-se como uma importante fonte de recolha. A criação de um programa formativo básico permitirá a um militar que patrulha entre a população, ter a capacidade de perceber a importância dos seus relatos de ocorrências, perceções e julgamentos de maneira mais precisa e concisa. Esta mudança cultural de otimização de emprego dos “soldados”, a par de uma consciencialização por parte dos comandantes e decisores, irá seguramente potenciar a geração de um aumento significativo de *Actionable Intelligence* disponível para apoio à decisão na conduta das operações militares.

Para futuros estudos, seria interessante para a produção de conhecimento, poder com base no conhecimento científico obtido neste artigo e materializado pelas conclusões apresentadas, efetuar uma análise de estudos caso, onde se tenham verificado operações HUMINT em apoio à conduta de operações militares tendo em vista analisar o real impacto desta atividade no cumprimento da missão.

Referências bibliográficas

- Atwood, C. (2015). *Eurasia Review*. [versão PDF]. Retirado de <https://www.eurasiareview.com/07042015-activity-based-intelligence-revolutionizing-military-intelligence-analysis/>
- Baker, R. (2007). HUMINT Centric Operations: Developing Actionable Intelligence in the Urban Counterinsurgency Environment. Kansas City: *Military Review*, 87(2), 12-21.
- Bartolomeu, J. (2012). Informações Militares – o atual ambiente estratégico. Retirado de http://www.revistamilitar.pt/artigo.php?cv=1&art_id=715
- Bartolomeu, J. (2010). *Informações Militares para Portugal* (Tese de Dissertação de Mestrado em Estratégia). Instituto de Ciências Sociais e Políticas [ISCSP], Lisboa.
- Bispo, A. (2004). A função de Informar. In: *Informações e Segurança. Estudos em homenagem do General Pedro Cardoso* (Coord.) Adriano Moreira. Lisboa.
- Burton, F. (2005). *Stratfor worldview*. [versão PDF]. Retirado de <https://worldview.stratfor.com/article/problem-humint>
- Cardoso, P. (2004). *As Informações em Portugal*. Lisboa: Gradiva.
- Centro de Informações e Segurança Militares (2017). *Visita do CF SIRP ao CISMIL*. Evento

- organizado pela Repartição de Planeamento do CISMIL em 3 de outubro de 2017. Lisboa.
- Centro de Psicologia Aplicada do Exército (2009). *Normas para Provas de Seleção de Candidatos para Operador HUMINT*. Lisboa.
- Clark, R. (2007). *Intelligence Analysis - A Target Centric Approach*. Washington D.C.: CQ Press.
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 19/2013, de 5 de abril (2013). *Conceito Estratégico de Defesa Nacional*. Diário da República, 1ª Série, 67, 1981-1995 Lisboa: Governo de Portugal.
- Exército Português (2008). *PDE 2.0 Informações, Contra-informação e Segurança*. Lisboa: EME.
- Fernandes, L. (2014). *Intelligence e Segurança Interna*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna.
- Goldman, J. (2006). *Words of intelligence: a dictionary*. Maryland: The Scarecrow Press.
- Gonçalves, J. (2008). Conhecimento e Poder: a Atividade de Inteligência e a Constituição Brasileira. Em: S. Federal, ed. *Constituição de 1988: o Brasil 20 anos depois* (pp. 591-607). Brasília: Instituto Legislativo Brasileiro.
- Herman, M. (1996). *Intelligence power in peace and war*. Cambridge: The Press Syndicate of the University of Cambridge.
- Hitz, F. (2010). Human Source Intelligence. In: L. Johnson (Ed.), *The Oxford Handbook of National Security Intelligence*. Oxford: Oxford University Press.
- Institute of Land Warfare (2005). *Key issues relevant to Actionable Intelligence. Torchbearer National Security Report*, [versão PDF]. Retirado de <https://www.ansa.org/sites/default/files/TBNSR-2005-Actionable-Intelligence.pdf>
- Instituto SAS (2018). *SAS - The power to know*. [versão PDF]. Retirado de https://www.sas.com/pt_br/insights/big-data/what-is-big-data.html
- Interagency Threat Assessment and Coordination Group (2009). *Intelligence Guide for First Responders*. [versão PDF]. Retirado de <https://www.iafc.org/topics-and-tools/resources/resource/intelligence-guide-for-first-responders>
- Mazumadar, K. (2013). Actionable Intelligence - HUMINT Centric Operations. *West Bengal: Research Institute for European and American Studies*. [versão PDF]. Retirado de https://issuu.com/bnintsec/docs/indian_humint_field_manual
- Menezes, A. (2012). *Sistemas de Informações Nacionais. Contributos para a percepção da eficácia*. (Tese de Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa [ISCTE], Lisboa.
- NATO (2018). *AAP 06 – NATO Glossary of Terms and Definitions*. s.l.:NATO.
- NATO (2017). *AJP 01 - Allied Joint Doctrine* s.1. NATO.
- NATO (2016). *AJP 2.0 - Allied Joint Doctrine for Intelligence, Counterintelligence and Security*. s.l.:NATO.
- NATO (2015). *AJP 3.10 - Allied Joint Doctrine for Information Operations (INFO Ops)* s.1. NATO.
- Psicoativo, (2018). *Psicoativo - o Universo da Psicologia*. Retirado de <https://psicoativo.com/2016/07/locus-de-controle-interno-externo-psicologia-teste.html>
- Rêgo, N. (2018). *As Informações na NATO - Contextualização de um Choque Doutrinário e*

- Estrutural. *Revista de Ciências Militares*, pp. 105-133.
- Sayre, R. (2004). *Some Principals of Human Intelligence and their application*. Leavenworth: *U.S. Army School for Advance Military Studies*. [versão PDF]. Retirado de <https://apps.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/a429361.pdf>
- Shulsky, A. & Schmitt, G. (2002). *Silent warfare: understanding the world of intelligence*. Washington, D.C.: Brassey's.
- Significados (2018). *Significados*. [Página Online] Retirado de <https://www.significados.com.br/rapport/>
- Silva, C. M. C. R. M. (2018). *As Informações Militares - um Instrumento de Segurança e Defesa Nacional*. Tese do Curso de Estado-Maior Conjunto). Instituto Universitário Militar. Lisboa.
- Steele, R. (2012). *Human Intelligence: All humans, all minds, all the time*. Carlisle: BiblioGov.
- Tzu, S. (2009). *A Arte da Guerra* – Tradução de Miguel Conde. Lisboa: Bertrand.
- United States Army (2010). *FM 2.00 – Intelligence, Fort Huachuca*: U.S. Army. [versão PDF]. Retirado de <https://www.globalsecurity.org/intell/library/policy/army/fm/2-0/chap6.htm>
- Waltz, E. (2003). *Knowledge Management in the Intelligence Enterprise*. Norwood: Artech House.
- Zegart, A. (2007). *Spying blind: the CIA, the FBI and the origins of 9/11*. Princeton: Princeton University Press.